

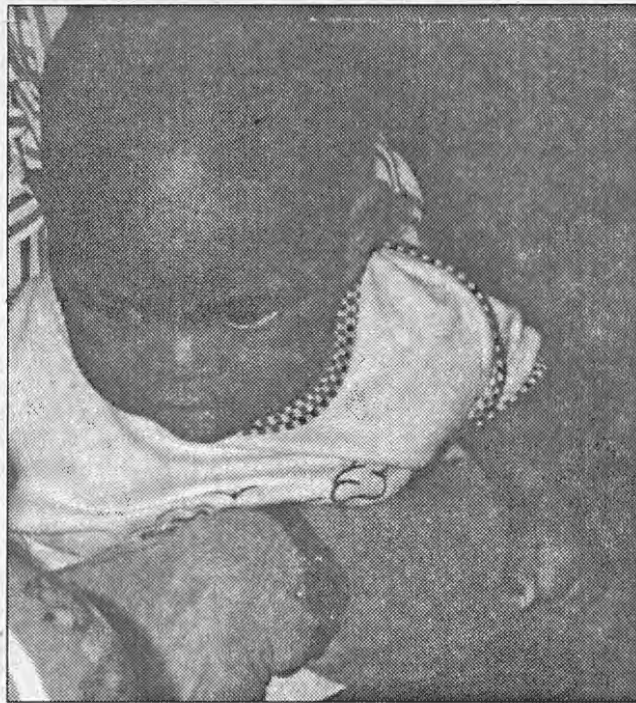
MOÇAMBIQUE

Chegámos há cinco anos

FEZ cinco anos que chegámos. E daqui a dois meses o Telmo, moço aplicado no estudo e no trabalho, de semblante carregado. A alcunha que trouxe da rua «Uma Cabeça» é bem adequada. Depois dele entraram, nesta Casa, cento e quarenta e cinco, sendo que quarenta e poucos já não estão. Uns porque, passada a guerra, foi possível localizar a família; outros porque não chegaram a descobrir, nesta grande família que somos, o seu lugar.

Dois casos tivemos, de vivência feliz no encontro de suas mães. Um tinha nascido numa base da guerrilha e antes que a guerra acabasse mãe e filho, cada um por seu lado, escapou. O Tiago foi encontrado aqui, pela mãe que não continha a alegria, julgando-o morto. Outro aconteceu, há dias. O Miguel perdido em Boane, traumatizado e com grande dificuldade em exprimir-se, ninguém conseguiu decifrar o seu drama.

Afinal, apareceu a mãe e explicou tudo. Funcionária do Ministério do Interior, razoavelmente bem colocada, precisando ir à terra de seus pais, deixou-o com pessoa da sua confiança, com dinheiro e mantimentos em casa, quanto bastasse. Ao regressar encontrou a casa vazia de tudo e nem sinais do filho, nem da amiga a quem o entregou. Habitados a uma chocante indiferença, foi emocionante presenciar o encontro de uma mãe com coração tão rico de amor e carinho pelo filho.



Continua na página 3

TRIBUNA DE COIMBRA

Fui ao Alentejo

NUMA destas belas tardes de Outono, fui ao Alentejo. «Negócios» de ofício: uma criança. Enquanto isso, o Alentejo enche a alma de luz e claridade. As sombras, essas, emergem da terra devastada pelo abandono. Os olhos perdem-se nessa imensa planície que, outrora, farta de pão, hoje, morre à míngua de mãos e braços que rasguem os sulcos, aplanem as leivas e levantem sementes.

Mesmo assim, a planície acena sempre um horizonte infinito que não deixa morrer

a esperança. Ela esconde-se na sua alma colectiva, nos seus cantares, na sua sabedoria, como a semente na terra.

O menino, nascido pra lá das montanhas, veio por aí abaixo fendido pelo vendaval que assola tudo quanto é pequeno e frágil. Miragaia foi o seu bercinho. A força do Douro não tem culpa. A linda cidade que o acolheu beija Espanha. Badajoz é ali tão perto! As fronteiras são abertas e o intercâmbio de pessoas e bens, facilitado, traz muitas vantagens. Claro, o mal, «esse», ignorava-as ainda elas não tinham sido abolidas.

A história do pequeno dispensa tantas considerações, por demais evidentes, óbvias e conhecidas.

Contudo parece «ultrajante» ir ao Alentejo, arrancar dele uma criança. Aquele Alentejo rico de pão, de cultura, de sentimentos humanos tão belos, integradores, enraizados na sua alma colectiva...

Mas lá, como aqui, a exclusão fende e chega ao coração: um padraço não o aceita. Clame a planície e nós também.

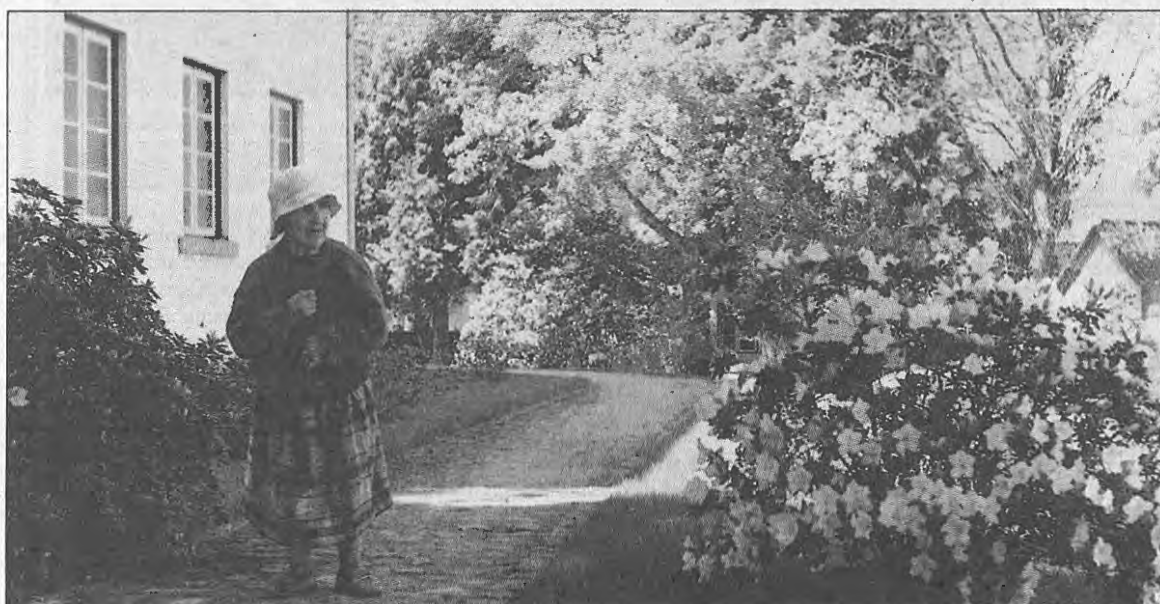
Padre João

Calvário

A Natureza é o melhor tonificante. O ar puro, coado pela vegetação mimosa, varre da imaginação os pensamentos sombrios; as cores vivas das flores inspiram-nos o sentido do belo e elevam-nos acima de nós próprios. Ora, é com este intuito que se vem ajardinando o ambiente. E os obreiros assíduos são os Doentes... Dá gosto, pois, sentarmos nos bancos de granito para reavermos a paz que o mundo afadigado nos rouba.

Disse que eles são tudo — e são!

Padre Baptista



Trabalho Infantil

EM Maio passado reuniram-se em Felgueiras representantes de quatro ministérios para estudar o problema do trabalho infantil e propor medidas que lhe sejam remédio, agindo coordenadamente na família, na escola e nas empresas. Em 22 de Junho dizíamos do nosso gosto em ter notícias do trabalho deste grupo. Ei-las. No princípio de Setembro o grupo deu lugar à Comissão Nacional para o Combate ao Trabalho Infantil que tem por objectivo dar sequência efectiva aos estudos realizados.

Medidas concretas

O Plano Integrado de Intervenção Local que o grupo deixa nas mãos da Comissão contém já «medidas concretas» a aplicar nas três vertentes da acção: empresas, escola e família.

Na primeira vertente, o agravamento de sanções às empresas «que prevariem e mantenham situações de trabalho infantil» — 'mediante uma intervenção mais eficaz e persistente da Inspeção Geral do Trabalho' — até, também, pelo que o recurso a este trabalho representa de «concorrência desleal às empresas que têm um comportamento adequado».

Mas a grande atenção do Plano me parece — e se assim é, me parece bem — dirige-se às outras duas vertentes, a escola e a família. É nelas que se encontram as vulnerabilidades que provocam a existência e favorecem a extensão do problema. A Escola porque não tem respostas plurais perante a diversidade de situações que se lhe apresentam. A Família porque sofre de carências culturais e económicas que não têm sido resolvidas.

Acção social

Dá a proposição de medidas que visam a família: «O reforço do abono de família às atingidas pelo problema; o seu acesso ao rendimento mínimo garantido; e a intensificação da acção social junto dessas famílias».

Esta acção social, se dispuser de métodos e de autoridade que a faça valer, é, com certeza, tão importante, senão mais, que as medidas meramente económicas, porque, a par da pobreza, «o atraso cultural e o desinteresse pela escola constituem as razões que condicionam a oferta do trabalho infantil».

Da parte do empregador, também «o seu baixo nível económico e cultural»,

Continua na página 3

Conferência de Paço de Sousa

NOVOS POBRES — A cara e o jeito dela revelam que está doente. Com desvelo, a Medicina dá um grande alívio:

— *Sabe?, tenho uma doença crónica...! Mas q'ando vou ò hospital a médica trata-me sempre bem.*

Obviamente, nos domínios onde a Dor impera, o factor *humanização* tem um valor incomensurável.

Noutro tempo, ela foi cozinheira de restaurantes. Casou. Tem uma filha que acompanha a mãe em suas andanças. E o marido é servente numa empresa. Recebe 52.380\$00 mensais, pagando 22.600\$00 de aluguer da casa onde habitam.

— *Só nos restam 29.780\$00 p'ra comer, p'ra tudo o mais. A gente passa muito, muito mal...!*

Sintomática a repetição daquele *muito!*

Confirmamos os dados. Temos à nossa frente: o recibo do salário e o da renda de casa.

Os remédios que a doente precisa, são já de conta da Conferência. Pesado encargo. Deste modo, por outras formas, aliviámos, material e espiritualmente, a dolorosa cruz desta gente, quais *novos Pobres* no limiar do século XXI.

PARTILHA — Assinante 14708, de Minde, cinco mil escudos «para os Pobres da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus».

Silvalde (Espinho): o assinante 9313 regulariza assinaturas d'O GAIATO e, «se houver excedente, gostaria que essa insignificância fosse aplicada na vossa Conferência». Houve, sim senhor.

Aquela Amiga que por aqui passa, há muitos anos, com discreção, deixa 5.000\$00 «por alma do meu pai e também pela minha mãe». Ternuras que vão direitinhas ao Reino dos Justos.

Assinante 14493, da Rua da Boavista, Porto: «Incluo o cheque costumado, referente ao mês de Setembro, para a Conferência. Que Deus vos ajude neste novo ano de trabalho, são os meus votos mais sinceros». Retribuímos com amizade.

M. A., assinante 12319, de Penafiel: «Como não posso sair de casa devido às poucas forças que tenho, entretenho-me a fazer renda cujo produto vai para a vossa Conferência com muito carinho para aqueles que vão ajudando e são tantos, infelizmente!» Mesmo incapacitados podemos cuidar... dos Outros.

Assinante 24851, de Lisboa, aparece assiduamente, agora com um óbolo de 5.000\$00 embrulhados em três recortes desta coluna: «para alguma família, dessas que todos os dias clamam ajuda». É verdade, não vem dia ao mundo que não tenhamos de atender carências, seja de que maneira for!

Outra Amiga, do Porto, assinante 13329, presença de há muitos anos, com cheque de dez mil escudos «que serão distribuídos como melhor entenderem». É assim a Caridade cristã!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Pelas CASAS DO GAIATO

AZURARA

Vou tentar reviver as semanas passadas em Azurara, acompanhando os nossos rapazes. No entanto, tenho sempre imensa dificuldade... É a falta de precisão, de pormenor.

Os dias foram um corre-corre, risonhos, descontraídos, mesmo quando era preciso contrariar as suas vontades, tão próprias destas idades pelas quais todos nós já passámos e outros nos ajudaram a reflectir e a compreender...

Os dois turnos decorreram bastante bem, embora o segundo fosse mais harmonioso.

Vou especificar um facto do último: Chegada à cozinha, fiquei decepcionada. Tudo desarrumado, tudo sujo. Serenamente, subo a escada, procuro o chefe e, com voz serena, pedi para chamar o encarregado da copa.

Idades, dos 15 aos 20 anos. Esperava que refilassem. Séria, de mãos nos bolsos, não falava, já tinha dito o necessário...

Passaram por mim: «Está triste? Desculpe... Tem razão... Mas não se aborreça, vai ficar tudo bem...»

Conclusão:
1. Descoberta constante de não ter outra razão de ser, senão permanecer no amor dos filhos da rua.

2. Esforço constante de posuir dentro do meu eu, a disposição que me fará comungar um pouco no despreendimento e na Pobreza do Mestre, pois é com Ele que aprendemos o amor do Próximo e o modo de o compreender e servir.

3. Ser realista: nada mais contrário à vontade de Deus do que o ilusório.

M. A.

PAÇO DE SOUSA

VINDIMAS — Começaram. Aproveita-se o bom tempo para vindimar com a mesma alegria de sempre.

O Xavier ficou contente por receber uma nova tesoura.

Esperamos uma boa colheita pois alguns, dos mais velhos, gostam de saborear o bom vinho produzido em nossa Casa.

AULAS — Também já principiaram. Esperamos que com todo o gosto e respeito pelos outros, principalmente pelos professores, façam o possível para ser bons alunos e tenham boas notas.

Alguns rapazes foram, pela primeira vez, para o Lar do Porto. Desejamos que tudo lhes corra bem durante o ano escolar.

Outros três estudantes vão e vêm diariamente sem problemas. «Gostamos de viajar», como diz o Ruca. «Com o tempo acabamos por nos habituar.»

CURSO PROFISSIONAL — O Chico, «Chouriço», Tavares e «Batata-Velha» estão contentes com a experiência recebida no respectivo curso. É bom para eles e um bom exemplo para outros que um dia queiram seguir na mesma linha.

Quando chega do Porto, o Chico vem sempre contente com a aprendizagem e aproveitamento nas aulas.

MUDANÇAS DE MESA — Acontecerão brevemente. Os rapazes estão ansiosos por saber a que mesa pertencerão e quais os chefes. O pessoal gostaria de melhor organização no refeitório, coisa que não temos conseguido — por culpa de todos nós.

CARAS NOVAS — Temos acolhido mais rapazes. O nosso desejo é que se habituem à sua nova Casa e aos seus horários.

Já têm novos amigos, com os quais passam a brincar e a aprender a viver.

DESPORTO — Os jogos não têm corrido bem por alguns erros. Sofremos uma derrota e vamos tentar corrigir os «buracos» nos treinos e nos jogos.

Para marcação de encontros telefonem para (055) 752285 e falem com o Mauro ou escrevam para o Grupo Desportivo da Casa do Gaiato — 4560 Paço de Sousa.

«Vitinho»

BENGUELA

AGRICULTURA — Semeámos batata doce. Temo-la comido às refeições porque produziu muito. Nunca tivemos dela tão boa!

Falta-nos semente para a outra batata. As trabalhadoras tiravam-na e também ficavam com alguma. Agora colhemos a semente dum campo e estamos a plantar noutro, para nunca faltar.

Os rapazes e a máquina cortam milho para o silo



SETÚBAL

ENSILAGEM — Terminou a ensilagem do milho nos três campos mais antigos. Os «Gatinhos» e ajudantes, com a máquina de cortar e moer, agarraram-se ao trabalho e levaram-no ao fim, até ao começo das aulas.

O Nando, com os outros tractores e auxiliares, acarretou para o silo. Ficou cheinho, e temos outro à espera do milho mais novo, também semeado em três campos.

As nossas vacas vão consolar-se com tão boas rações!

VINDIMA — A melhor de todas! Muitas videiras estavam derreadas com a carga... Foram dois dias de vindima e enchemos sete vasilhas que foram para uma empresa amiga que nos dá o vinho já feito. Deve ser muito bom, pois as uvas estavam maravilhosas. Com esta abundância os mais velhos estão com sorte. Bom proveito!

ESCOLA — Sairam as pautas do segundo trimestre. Temos rapazes que, às vezes, faltam às aulas. Os professores queixaram-se porque são amigos. O nosso Padre Manuel tem dito que isso é muito grave. É preciso que os faltosos tenham mais juízo, pois são os que têm notas mais fracas... Vamos ver se o último período correrá melhor.

PROBLEMAS — Alguns rapazes furtaram dinheiro e andavam a comprar algumas coisas. O chefe-maioral quando soube ficou zangado e o nosso Padre Manuel também.

Os chefes resolveram o problema e vão andar com mais atenção relativamente aos mais tentados a roubar. Houve tribunal e os faltosos foram castigados.

Agostinho

MIRANDA DO CORVO

OBRAS — Continuam a avançar muito bem. Na sala de jantar colocámos azulejos no

chão e estamos a pô-los nas paredes junto às escadas.

CARA NOVA — Acolhemos um rapaz de Elvas. Tem 10 anos. Chama-se Carlos e veio em 26 de Setembro.

Eu e os meus colegas desejamos que se adapte à nossa Casa e às nossas regras.

ESCOLA DE MIRANDA — A escola de Miranda do Corvo está em funcionamento e os nossos rapazes estudam e aprendem actividades novas e bonitas.

LAR DE COIMBRA — Na cidade do Mondego as aulas também começaram.

Vamos agarrar-nos aos livros e ao estudo.

No Martins de Freitas as aulas principiaram mais cedo do que as nossas.

João «Pequeno»

Heroísmo

Em tuas palavras ditas
E escritas
Canto a esperança — Bendita
Para os que sofrem.
Em tuas mãos cumpridoras
Entrego vidas lutadoras
Mas... Que perdem e morrem.
Em tua terra — Natal Aberto...
Para viver em liberdade
Entrego a ferida da
[humanidade
Que não cessa
Nem se fecha.
Em teu sangue — semente
Existe a paz duradoura
Para hoje e sempre
Os beligerantes serem
Irmãos e amigos.
Em tua sepultura
Que exala leveza que flutua
E protege os meninos,
Deposito toda a força
Da minha candura.

Manuel Amândio

Uma carta

É com muita alegria que recebo o vosso jornal. Desta vez, tocou bem de perto o meu coração. Tantos vezes tenho lido O GAIATO que é luz para os cegos; ele é ouvido atento para os surdos; um despertador das consciências e faz remexer as nossas... Ele faz os coxos andar.

Muita gente não tem a Bíblia... O GAIATO faz parte da Sagrada Escritura. Certamente, muitas pessoas ainda não o lêem. Outros não têm tempo nem disposição para ler.

Na vida há muitos cursos, negócios e grandes postos de trabalho. Cada um saberá escolher. Para mim, o melhor curso, o melhor negócio, o melhor posto de trabalho, é esta fonte de amor.

Bem-aventurados os misericordiosos...

Assinante 31977

Cronista X

BENQUUELA

Habitação

A PARECERAM os sinais das primeiras chuvas. Sinais fraquinhos não bastaram para amedrontar muitas famílias dos bairros que nos rodeiam. É que grande número de casas estavam por cobrir, por falta de dinheiro para as chapas. Outras não conseguiram curar-se das grandes fissuras das chuvas passadas, pois o material de construção é muito precário, não sendo possível aguentarem as fortes chuvadas. A maior parte das construções são cubatas de barro batido e paus ou de adobes de barro. Por isso, embora as chuvas sejam um sinal de fecundidade e fartura, trazem muito medo a esta pobre gente.

Guardei parte da manhã de domingo para ver alguns casos mais aflitivos. Foram os sinais da chuva o verdadeiro despertador. Um pai de família, logo de manhã cedo, ainda com a roupa húmida dos pingos da noite, correu a dizer-me o que eu já sabia: que a sua casa não tinha cobertura. Outro, que fosse ver a sua casa, pois tinha prometido chapas e não chegaram. Mais outro, que não podia demorar mais pois a chuva que caía molhou os filhos. Sei que é verdade o que me dizem, porque, dias antes, dei a mesma volta e vi. Só não carreguei as chapas, na altura, dado o custo muito ele-

vado. Mas tem que ser! Não podemos dormir tranquilos enquanto não dermos a mão a estes casos mais urgentes. Quando não tiver dinheiro, vou bater à porta de quem o tem. É certo que as pessoas a necessitar são uma multidão. Nem por isso é permitido cruzar os braços, sob pretexto de que não se pode resolver tudo. Resolve-se o que for possível com a ajuda que nos chega.

Bem queria uma solução definitiva, com material definitivo também. Mas não é possível, ainda. Os interessados colaboram, mas a parte que nos toca é pesada demais, por ora. Vamos dar a mão conforme pudermos, para que a chuva não seja um pesadelo a juntar a muitos outros.

É positivo e consolador, por um lado, ver que no campo da habitação há um grande desejo das famílias mais simples de ter uma casa melhor, em ordem à educação dos filhos. Tenho entrado em algumas residências que revelam este nível. Por outro lado, é negativo e desolador o amontoado de construções de cubatas, por causa do fluxo de refugiados do interior, onde não entra o sol nem é possível o arejamento. Quem dera o advento da paz definitiva que descongestione a grande concentração de gente nesta zona do litoral com o regresso de parte da população às suas terras de origem. A insegurança reinante nas estradas para o interior e nas terras de acolhimento não tem permitido tal regresso. Por isso, as

grandes dificuldades de alimentação continuam. Mal termine a redacção destas notas, vou para a rua tentar descobrir alguns sacos de farinha de milho, que já não tenho que dar à refeição do meio-dia aos nossos trabalhadores.

Luta pela sobrevivência

O pão de cada dia continua a ser a preocupação primeira. Por ele fica tudo o mais para trás.

Está a decorrer a segunda fase da vacinação contra a poliomielite, a nível nacional. As brigadas não têm outro remédio senão ir aos lugares de negócios, às praças, aos sítios onde as pessoas buscam o pão, para atingir as crianças a ser vacinadas. É uma autêntica luta pela sobrevivência. Impressiona sobremaneira a magreza de grande parte das crianças. E saber que é possível fazer mais, se mais braços houvesse, tocados pelo coração ardente de Caridade! Sim, é possível fazer-se mais e salvar mais. É possível! Que tremendo mistério este de tantas crianças que morrem por não haver quem lhes dê a mão! Faltam corações que se deixem agarrar pelo mistério de Cristo, como o de Paulo e tantos outros, a ponto de dizerem o «Ai de mim...»!

Padre Manuel António

Moçambique

Continuação da página 1

Mas outros rapazes se foram daqui, de um modo muito diferente e doloroso para nós. É difícil entender o que se passa na mente deles. Sabemos que a rua é a pior escola — como dizia Pai Américo — e sabemos a Quem servimos. Mas eles viveram na rua vários anos. Tudo quanto se possa imaginar de vícios morais os impregnou até à medula. Postos, porém, em circunstâncias tão diferentes, a que chamaria limpas, dignificantes e promotoras das suas capacidades humanas, testemunhando eles próprios, dia a dia, um acolhimento amoroso que nunca saborearam, parece que embotados totalmente na sensibilidade, somente se fazem aproveitadores do bem que disfrutam, até que qualquer apelo, vindo do passado, os faz reverter a marcha, lançar mão do que está ao alcance e abandonar tudo, como se o mais não prestasse. E a rua está aberta à sua frente, com as suas atrações e a satisfação sempre fácil de todas as liberdades.

Não abrandamos por isso as exigências com os que ficam. O fracasso de uns é apoio para firmar cada vez mais o método pedagógico e as exigências da vida comunitária; fica claro a responsabilidade de serem eles os melhores transmissores da formação que recebem.

De quantos vieram com catorze, quinze anos, idade que a experiência sempre desaconselha, está um pequeno grupo, ainda nem bem harmónico, por rivalidades e temperamentos.

Mas cada qual é consoante é e a pouco e pouco vão encontrando o caminho certo.

A convivência com os nossos trabalhadores, que os ultrapassam em número, nada ajuda à sua formação, mas serve para incutir nos nossos o sentido da defesa do que só a eles pertence, o que os coloca como únicos alvos da razão de ser da Casa do Gaiato.

A saída de alguns, ao longo destes anos, com dezasseis, dezoito anos, deixa-nos tristes porque não foram capazes de desfazer em si mesmos a mentalidade generalizada de que enganar o branco é uma vitória pessoal e roubar é triunfar na vida. Se bem que a fome e o ambiente hostil da rua os faça depressa regressar, não os aceitamos. É duro não acolhê-los como filhos pródigos. Parece até contrário ao Evangelho que procuramos, em cada dia, viver com eles. Mas porque sabemos que não nos aceitaram como pais, redobramos as expressões de amor pelos que vivem connosco para que não venha mais nenhum a perder-se.

Padre José Maria

Trabalho Infantil

Continuação da página 1

associado à «falta de repressão social e ao défice de repressão, são motivos que explicam a procura».

Outra sugestão que o grupo de trabalho fez e julgo incidir sobretudo na área da família, é «a formação e informação dos magistrados nesta matéria». Na verdade, nesta matéria, a maioria deles anda muito a leste.

Em relação à Escola, preconiza-se: «O princípio de 'garantir a escolaridade obrigatória no âmbito da formação qualificante para todos os jovens'; a formação profissional, fornecida pelo Instituto do Emprego e Formação Profissional ou outras entidades; e a rede de ensino das escolas tecnológicas e

profissionais» — tudo na diligência de 'abrir novas oportunidades profissionais'.

Mais, e ainda na mesma linha da procura destas oportunidades, «pretende instituir-se um ano de escolaridade obrigatória de formação geral e profissional para os jovens que concluem o 9.º ano, mas ainda não estejam na idade de trabalhar (16 anos, a partir de 1 de Janeiro de 1997)».

Programa de difícil exequibilidade

E mais, ainda: «Proceder ao alargamento da rede pré-escolar e mesmo da rede de serviços de Psicologia e

DOCTRINA

Manda aos ricos do mundo que não sejam altivos, mas que repartam.

Das Epístolas de S. Paulo



supostos direitos doutros, de tal sorte arreigados no conceito social que, se não fora a eloquência da guerra de hoje, o dito livro não seria tão procurado nem a sua doutrina acolhida. Eu escrevo de cor. Nunca li, nem quero ler, tratados de doutrina social; antes quero dizer ao mundo de hoje como dizia o Apóstolo aos do seu tempo: — *Aquilo que vos ensino, aprendi de Jesus Cristo.*

ESTAS crónicas semanais hão-de formar, a seu tempo, o terceiro volume do *Pão dos Pobres* que está sendo vendido ao público com grande proveito e interesse; o primeiro volume esgotado e o segundo em vias disso. De onde procede que eu tanto me apaixono por Jesus Crucificado, que, através d'Ele e da paixão que me devora, tenho feito tudo quanto em mim está para que a fala e estilo do livro guardem o sabor e a pureza do Evangelho.

TENHO consciência do triunfo da *Obra da Rua*, feito com lágrimas que os Pobres choram, sem violência a ninguém. Guardo no meu peito dificuldades de toda a ordem para que a *Obra* possa crescer e frutificar. A vocação ajusta-nos, sim, mas as arestas ferem; tira o veneno, não a dor. O equilíbrio e a disciplina que as *Obras de Deus* exigem, não vêm sem grandes desânimos. Muito mais do que tu, *admiro eu os êxitos de toda a hora por reconhecer de onde vêm e a quem foram confiados! Deus é admirável nas Suas Obras! Não repares no repetido eu com que hoje me apresento, que ele não tira o lugar a ninguém. É figura de gramática; não sai do coração.*

A letra do *Pão dos Pobres* é muito dura; ela defende o direito deles à vida, o qual vai necessariamente ofender

SIM, não leio nos livros, mas trago os olhos pisados das lágrimas dos que sofrem; o estômago doente, dos famintos; o corpo dorido, dos andrajos; a vida magoada, das privações dos Irmãos; — *Eu saio pra rua sem poder, Padre, que a cama ainda me faz mais fome! Assim se queixam os Pobres. Sim, não estudo, mas procuro levantar os estropeados sem bramar; e pedir aos afortunados, chorando, que me ajudem a fazê-lo, que esta é doutrina segura.*

A riqueza do mundo não deve ser monopólio nem privilégio de quem quer que seja; tanto mais feliz seremos quanto mais equitativamente soubermos distribuir. O homem opulento do Evangelho que passou noites à vela, consumido por não ter onde recolher a abundância da colheita, não teria sido censurado — *stulte!* — se a preocupação fosse antes de como havia de repartir! O avarento da parábola quis vir ao mundo contar estas coisas aos irmãos que ficaram, mas foi-lhe dito que não: — *Que ouçam os profetas.* Quis regressar ao mundo, sinal de que estava num outro onde as contas se hão-de ajustar.

Padre Manuel António

(Do livro *Pão dos Pobres* — 3.º vol. — Campanha de 1941 a 1942)

Orientação, bem como à aplicação de um regime de favorecimento de permanência na escola, com apoio às famílias de baixos recursos (material escolar, suplemento alimentar, etc.), e «estímulo» para a criação de *ateliers* de tempos livres nas escolas, 'actividades de educação física e desportos' e, até, 'a criação de condi-

ções para a fixação dos professores nas zonas de intervenção».

Um programa pleno de boas ideias, mas de difícil exequibilidade. No «domínio específico» do Ministério da Educação pede-se uma *revolução* — quem não a dera!

Vamos a ver a habilidade com que a Comissão Nacio-

nal procurará o bom sem se perder no óptimo. Muito depende do senso prático e da harmonia dos agentes da Intervenção Local chamados a realizar o Plano Integrado. Oxalá abundem na «determinação e sensibilidade» em que insistiu a senhora Ministra do Emprego.

Padre Carlos



ENCONTROS em Lisboa

Cenas da vida quotidiana de sofrimento

QUEM se encontra em situações como a nossa, há muitos momentos em que apetece reclamar e gritar sobre a utilidade de instituições estatais com muitos funcionários especializados, bem pagos, mas que, face à ineficácia, criam um total descrédito de si próprios. Hoje, refiro-me aos Tribunais de Menores e acessórias, contando apenas casos, para me perguntar se vale a pena continuar a colaborar com essas estruturas.

Primeiro caso: Há seis anos recebemos em nossa Casa um rapaz que sabia o nome e dizia que teria dez anos. Não se conseguiu localizar ninguém que pudesse dar dados fiáveis. Ficámos com alguns traços sobre o passado do miúdo. Três dias depois o caso foi entregue ao Tribunal de Menores. Neste momento, este miúdo continua sem documentos, sem identidade e sem ser confiado a ninguém.

Segundo caso: Em 7 de Abril passado um posto da GNR pediu-me para receber dois menores, um de sete e outro de nove anos, que estavam abandonados num bairro de latas desde o dia 6 de Março. Nesse mesmo dia foi enviado um relatório ao Tribunal de Menores. Um mês depois apareceu-me a mãe dizendo-me que «não tinha abandonado os menores, só que não os podia ter». Nunca me quis deixar nenhuma morada. No dia 29 de Setembro a mãe aparece e, às escondidas, leva os

menores com ela. Durante todo este tempo nunca soube o que andava a fazer o Tribunal de Menores.

Terceiro caso: Em Fevereiro o Tribunal de Menores pediu-me para receber um menor de doze anos. Em Fevereiro informei o Tribunal sobre a nossa disponibilidade, depois de ter ido ver a situação. O menor foi-me entregue em Maio. Três dias depois fugiu, conseguindo arrastar um outro, de onze anos. Comunico ao Posto da GNR da Zona. Que não podiam fazer nada sem ordem do Tribunal e que fosse lá mostrar-lhe em como o menor me estava entregue. Meti papéis debaixo do braço e fui. Confirmaram que me estava entregue mas que não podiam fazer nada. Fui eu buscar o outro menor e quanto ao do Tribunal deixei-o entregue ao Tribunal... Estamos em Outubro e continuo aqui sem saber que fazer à documentação do rapaz. Na escola não anda... Andará por outros lados já que ninguém tem autoridade para dizer ao menino onde deve estar.

Quarto caso: Há uns anos recebi aqui em Casa um rapaz. Na altura havia

também o problema de uma irmã apenas de catorze anos que foi decidido interná-la numa instituição do Estado. Acontece que a menina decidiu não ir, até porque estava junta com um rapaz de dezasseis anos. As acessórias do Tribunal, adolescentemente, decidiram dar cobertura ao acontecimento. Volvido pouco tempo o rapaz decidiu arranjar outra. Ela decidiu ir fazer guerra à tal outra e o rapaz decidiu dar-lhe uma sova que a pôs de cama. Então a menina decidiu também começar a desencaminhar o irmão que está em nossa Casa, porque se sente muito só e precisa de uma companhia.

Estas são cenas da vida quotidiana de sofrimento em que não são minimamente garantidos os direitos da criança. Os adiamentos de decisão, as delongas no estudo e encaminhamento, põem em risco o futuro destes miúdos. Creio que eles têm direito a um futuro e estamos a roubar-lhes esse futuro. Poderia apresentar muitos outros casos. Para quê se não há autoridade do Estado para cuidar dos que mais precisam? Só papéis e orçamentos para mais cadeias.

Padre Manuel Cristóvão

Património dos Pobres

Vergonha do nosso tempo

UM dos nossos rapazes chamou a atenção para «uns bairros antigos cheios de barracas e casebres habitados». Tirou fotografias e, logo que nos foi possível, fomos visitá-los. Tudo no centro da grande cidade.

No primeiro casebre a que chegámos, apareceu alguém que atendeu: — *Já aqui vivemos há vinte e cinco anos. Foi uma senhora que nos deixou vir viver para aqui. É uma miséria! Quando chove, é como na rua. O presidente bem promete; mas, prometer é fácil. O telhado está abagado.*

Seguimos e parámos perante um homem de idade que *habita* em barraca de placas velhas, sobrepostas: — *O terreno não é meu, mas as placas são minhas* — e firmou, batendo com a mão no peito. — *Vivíamos longe onde criámos e deixámos seis filhos. Vivemos só da minha fraca reforma. À porta estava uma cadeira de rodas.*

Mais adiante, um grupo de mulheres. Uma de muito luto pelo marido que faleceu há uma semana, acompanhada por dois filhos menores. Desabafava que tinham de voltar para a sua terra, muito distante. As outras todas quiseram dizer a sua situação:

— *Já aqui vivemos todos, nesta miséria,*

há muitos anos. Pagamos renda antiga, mas nem isso valeu. Andam a dizer que isto é tudo para ir abaixo, para construírem casas novas. Mas, são só dizeres... Já não se pode confiar em ninguém. O presidente só sabe prometer!

Uma, do grupo, adiantou: — *O terreno não é meu e pago a renda. Mas, a casa é muito minha, bem me custou a arranjar. Já aqui vivo há quarenta anos.*

Eram quase horas do almoço e parecia que ninguém tinha que fazer. Parece-me ser este o pior mal. A instalação na vida, mesmo que seja em casebres ou barracas. A desocupação leva a muitos males. E um deles é a inércia: «Deixar correr.»

Todos de braços cruzados à espera de promessas. Vão perdendo a esperança... Mas, continuam de mãos nos bolsos, esperando e desesperando.

Os homens constituídos em autoridade prometem muitas coisas que não é possível atender. — *Eles só sabem prometer para enganar o povo* — temos ouvido muitas vezes. Cuidado com as promessas!

Regressámos a casa mais preocupados com estas vergonhas do nosso tempo. Nós todos os que têm habitação digna, deveríamos envergonhar-nos em consentir que haja gente a viver assim e todos fazermos alguma coisa por eles, para vivermos em paz.

Padre Horácio

Malanje dia-a-dia

Desabafo

1/8/96 Os malanjinos continuam a não poder expandir os seus lazeres dominicais para os locais de beleza: Kalandula, Cangandala, Pungandongo e Salto do Cavalo. Caem todos nas lagoas da Casa do Gaiato. Sejam bem-vindos. Nada mais podemos oferecer que os nossos recantos.

Porém, nas segundas-feiras, desculpem o desabafo, não gostamos de ver as latas e garrafas das bebidas a boiarem nas águas ou esborrachadas no chão de mistura com restos e papéis.

Também as lagoas não são um lugar de nudismo e namoro — sem o devido respeito pelos visitantes que trazem os seus filhos e pelas próprias crianças da Casa do Gaiato que são os verdadeiros donos.

Venham sempre, mas com todo o respeito pelas crianças, pelas árvores e pelas lagoas.

Sinal de esperança

4/8/96 O capim das baixas está cedendo lugar aos canteiros de couve, tomate, cebola e alface. Uma beleza! São três comunidades e quinze famílias com as suas hortas.

Tão belo como os canteiros é o rancho de pessoas cavando, plantando e regando!

Neste dia de sol com o céu tão azul, a esperança renasce! Uma nova vida!

Também na nossa Eucaristia dominical começam a participar os cristãos das sanzalas que nos circundam. As pessoas estão regressando às suas aldeias. Mais um sinal de esperança.

Feridas profundas

6/8/96 O nosso chefe-maioral *meteu o pé na poça...* Teve que sair de

Casa: Que tinha um tio em Luanda e ia para lá. Foi. Não encontrou sombra de tio. Teve que andar com a sua trouxa às costas pelas ruas sem fim e dormir numa barraca.

Encontrei-o como naufrago. Que o amparasse, pois não tinha mais ninguém... As feridas que abriu na nossa comunidade foram profundas. Não poderá regressar. Vamos estudar o meio de uma ajuda lá fora.

Luta quotidiana

7/8/96 O roubo e uma vida fácil — sem trabalho — frutos da guerra, estão de tal forma arreigados nesta sociedade que fica custosa a educação dos nossos rapazes.

É uma luta quotidiana: Ele, são os «Bata-tinhas» que se infiltram pelas hortas para tirar um tomate ou arrancar uma batata doce; ele, são muitos que gostam de assar o seu milho nas fogueirinhas escondidas; ele, são os mais espertos que aparecem com camisa e calça que ninguém lhes deu.

A ânsia de comer e de possuir são o fruto de todas as carências desde o ventre das mães...

Muita paciência, novos hábitos e quatro refeições por dia serão o remédio.

— *Mais dois cabritinhos!*, comunicou, logo de manhã, o Malanzar com sua cara bonacheirona e aberta num sorriso.

Logo a seguir encontrei o Carlitos com um biberão cheio de leite: — *É pró cordeirinho.*

A seguir o da pocilgas na operação de limpeza.

Já na horta dei com o Vilar a cortar o capim para os coelhos — mas triste porque um gato ou rato lhe tinha matado um.

Assim é, e ao jeito, ajudando, esta natureza aberta à sua Primavera. Depois do estorricado das queimadas, brota o capim, renovam-se as árvores, renovam as andorinhas e cantam os pássaros.

Os nossos — «Franguito» e «Dorito» — que agora são os ratinhos da horta, um dia vão compreender a beleza dos frutos!

Padre Telmo

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Setembro: 71.650 exemplares.